

ESPAÑHA DIALETAL

Oswaldo Pinheiro dos Reis

Como se explica a existência, no antigo território da Hispânia, de numerosos dialetos aparentados e de três línguas literárias bem distintas, o português, o espanhol e o catalão?

De início, podemos enumerar aquelas causas gerais de dialeção do latim que nos oferecem os romanistas para justificar as variedades neo-atinas em qualquer província do Império. Entre elas, citaríamos a influência dos substratos (ponto de vista etnológico), aqui apenas cabível em casos restritos, visto que nos encontramos em face de romances de um mesmo âmbito geográfico e de substrato mais ou menos igual; a data da conquista e da colonização das diversas regiões da Ibéria, causa da introdução do latim popular em diferentes fases de evolução, o que é suficiente em nosso caso apenas para elucidar alguns fenômenos morfológicos e vocabulares; e, enfim, para não aduzir outros fatores, as relações estabelecidas entre os vários povos que habitaram a Península.

E' esta uma causa que, a meu ver, comporta explicação mais pormenorizada porque se apresenta como a mais decisiva contribuição à dialeção na Espanha.

Meyer-Lübke, na sua nunca assaz louvada "Introdução", quer que êsse fator histórico seja o verdadeiro motivo da criação do dialeto franco-provençal, correspondente à existência da diocese católica de Viena ou do reino dos Borgúndios, durante a Idade-Média, no território que hoje apresenta peculiaridades lingüísticas distintas do francês e do provençal.

Américo Castro e outros supõem que razão semelhante provocou a formação do dialeto ou co-dialeto do português chamado mirandês, agora pôsto em foco pelos romanistas por ser por-

tuguês mesclado de espanhol, falado dentro das fronteiras de Portugal, mas tendo pertencido à diocese de Astorga na alta Idade-Média, e ao convento asturiense na época romana.

Quanto à Espanha e aos seus dialetos e línguas, temos de admitir que houve uma fase, mesmo bastante tardia (na opinião de Wartburg abrangendo até o ano mil), em que não se notavam diferenças sensíveis no latim peninsular e que, portanto, se observava aí uma unidade lingüística mais ou menos perfeita.

Em consequência da invasão dos Árabes, a Espanha se fragmentou politicamente, mas não de todo ponto de vista lingüístico. Na região das Astúrias, formou-se um reino visigótico-cristão latinizado e o resto do país ficou sob o guante dos muçulmanos que falavam, não há contestar, a sua língua, de ramo semítico. Não tardaram, porém, os mouros em suas concessões e pôsto que o seu fanatismo se limitava ao setor religioso, muitos dêles se puseram a aprender a própria língua das populações dominadas. Daí e do interêsse dos cristãos pelo linguajar da mourisma é que surge um dialeto latino arabizado a que damos o nome de romanceo moçárabico.

Um estudo comparativo das modalidades lingüísticas da região cantábrica leva-nos à conclusão de que durou por muito tempo relativa uniformidade em todos os falares hispânicos do norte da Península e mesmo com relação ao moçárabe, unidade que se esboroou com as inovações do castelhano, o qual, à semelhança de uma cunha isolante, pôs de uma parte o galego-português, para citar apenas os dialetos mais importantes.

O movimento da Reconquista levou o galego-português, cada vez mais português e menos galego, ao Algarve; o castelhano à Andaluzia; e o catalão a Alicante, enfraquecendo as variedades dialetais sulinas, entre as quais o andaluz, que, segundo alguns romanistas, seria a base do espanhol americano.

Por onde se vê que os Árabes influíram no mapa lingüístico peninsular muito mais pela sua retirada do que pela conquista.

Dentro da mesma ordem de idéias, acrescentarei que o castelhano ascendeu à categoria de língua literária por motivos antes de tudo históricos e políticos: o comando da Reconquista, cujo

etro pesou sobretudo nas mãos dos reis de Castela Velha, e o conseqüente prestígio político dos realizadores da unidade nacional.

Quanto ao galego, lingüísticamente denominado galego-português, direi que a sua constituição independente se explica, na fase mais antiga, pelo fato de a Galiza ter sido a sede do reino dos Suevos e gozar de certo destaque religioso decorrente das numerosas peregrinações de que seu famoso santuário de S. Tiago de Compostela era alvo, nos tempos medievais. Sabemos que tôda a poesia lírica medieval da Península foi escrita em galego-português, de que nos dão mostra muitos passos dos nossos cancioneiros. Na fase moderna, como língua literária, o português, sentimos o fator decisivo da fundação da monarquia lusa e os sucesos históricos que se lhe acrescentaram.

Subsiste, enfim, um problema de origem quanto ao catalão. Não chegaram os romanistas a um acôrdo nesse ponto; há quem o considere dialeto provençal, como Meyer-Lübke; há quem o catalogue entre os dialetos espanhóis, como Rafael Lapesa. Parece-me que nem uma nem outra opinião representa a realidade dos fatos. Penso que se deve considerar o catalão como língua autônoma, de origem ibero-românica, sensivelmente matizada de galo-romance, por vicissitudes históricas muito conhecidas, isto é, a conservação da Catalunha durante algum tempo sob o império de Carlos Magno e a miscigenação de populações de fala diferente ao longo dos Pireneus, provocada pela invasão do sul da França pelos Árabes e sua posterior expulsão.